

Titulo do Simpósio Temático: Representação dos lugares na cultura brasileira

Dados do Coordenador:

Nome: Prof. Dr. Luís Antônio Jorge

Autor: **Ana Maria de Moraes Belluzzo**

Título do trabalho: **Que lugar é esse?**

Se fosse possível apontar o que motivou a reunião deste grupo de estudos, reunido no Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, seria conveniente aprofundar indagações:

- o que poderia ser apreendido como “lugar”, se considerarmos a experiência de habitantes das megacidades, das metrópoles? Todos nós.

- e ao admitir que ao haver lugar, haveria sentido ...,

ao admitir que o espaço tem poder real ou ficcional de se tornar habitável....,

de que maneira poderíamos nos aproximar do mundo das coisas? dispostas em suas teias, com seus intervalos ...

Este grupo dedicou-se a esboçar um projeto aberto que privilegiasse o saber sensível e qualitativo do homem em relação às coisas. O modo de ser sensível é próprio aos produtos da arte, como diria Jacques Rancière, autor de notável reflexão sobre o regime estético.¹ A arte, aqui entendida como modelo para a experiência, ensina a distinguir momentos singulares, além de ser um modo de dotar os procedimentos técnicos de peso qualitativo.

O que trazemos para este encontro não é um plano demarcado, tampouco afirmativas conclusivas, tais como se pode esperar do trabalho científico. Nossa proposta tem feição de rascunho, é um esboço de intenções e permite colocar em discussão uma primeira constelação de estudos realizada pelo grupo. Como se poderá notar, um trabalho em processo, algo mais próximo da escrita projetual do que tendente a um formato acabado.

Cuidou-se para deixar a atenção vagar e se deslocar entre diferentes angulações do pensamento contemporâneo que cercam o motivo central: o lugar. Lançados em percurso errante, buscamos estabelecer proximidade com o objeto de

¹ RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. tradução de Monica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

estudo. Desconfiando de respostas abrangentes, coube a cada um de nós distinguir casos concretos significativos, de modo a explicitar as questões trazidas à reflexão do grupo.

Desde logo nos encontramos entre aqueles que manejam diretamente o espaço povoado por coisas e pessoas – espaço que, mesmo já configurado, é sempre passível de novas configurações. Que não pode ser pensado sem um esforço conjunto de apropriação do mundo, guardado o pressuposto de que objetos, espaços e seres são formados entre si, e se recriam um em relação ao outro. E mesmo que, hoje, isto se dê em um ritmo cada vez mais acelerado, existem sempre marcas difíceis de apagar, deixadas pelo tempo, a serem decifradas.

Por um lado, nosso interesse recai sobre o feito de homens que instauram lugares a partir de valores topográficos ou paisagísticos, que criam sentido arquitetônico e urbanístico, que entram em contato entre si; homens que conjugam dimensões interiores com seu entorno, que são capazes de se reconhecer na sintaxe dos objetos, até mesmo naquele amontoado das coisas da sociedade de trocas. Em outras palavras: visamos fenômenos urbanos, espaços simbólicos e percepções de arquitetos, urbanistas, desenhistas e artistas, que preparam lugar de modo a possibilitar a habitação humana, estejam eles orientados para sua persistência ou para a transformação das coisas que envolvem e afetam os seres.

Impossível não lembrar neste momento o pensamento de Milton Santos, sobretudo porque ele entende que “a produção do espaço é ao mesmo tempo construção e destruição das formas e funções sociais do mesmo”.²

Por outro lado, pretendemos investigar palavras, textos, fotos, em suma: obras que constituem momentos singulares da experiência cultural e que, sem estar imobilizadas no passado, venham nos tocar pela agudeza ou precisão com que adentram no presente. Estes espaços - conjugados por meio de outras linguagens e imagens – estão muitas vezes tecidos em discurso narrativo. No entanto, o interesse despertado por estas práticas não se deve às palavras em si, mas à trama de significações que se desenvolve em torno delas. Do mesmo modo, a ocorrência de significações é também responsável pelo “acontecimento” de lugares físicos.

² SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1978.

Outra obra do mesmo autor indispensável ao desenvolvimento destas considerações foi:

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed São Paulo: Editora Da Universidade de São Paulo, 2009

A tessitura de um lugar pode ser visualizada na materialidade do universo construído, pode ser lida em argumento literário. Existiria ainda a memória dos lugares vividos.

A intertextualidade é, sob vários aspectos, inerente às questões estudadas, não se reduzindo ao diálogo entre obras físicas e escritas.

Caberia uma palavra sobre o território interdisciplinar compreendido pelo projeto, dado que a interdisciplina se impõe, quando existe uma competência na qual objeto e método se encontram entre corpos de disciplinas institucionalizadas. No nosso caso, pode-se apontar: a história, a teoria e a crítica de arte, da arquitetura e da cidade, assim como, a história, a teoria e a crítica da literatura. Ademais, a abordagem interdisciplinar apresenta enorme interesse para nossas reflexões, na medida em que acompanha e até mesmo promove o deslocamento dos campos de conhecimento, por meio de operações de empréstimo e de redução. Vouilloux lembra que “o pensamento se torna disciplinar quando não se interroga mais a respeito do movimento pelo qual constrói seus próprios objetos, nem indaga sobre os procedimentos que trabalha para descrevê-los e interpretá-los. Em outras palavras, a medida que se deixa dominar por pressupostos disciplinares”.³

Mas convenhamos que a experiência concreta daqueles que habitam hoje as grandes cidades faz com que ninguém possa ignorar estar rodeado por objetos, edifícios, palavras, frases e imagens. Ora, esta adesão inconsciente a uma experiência perceptiva de um tecido híbrido, descontínuo, seguramente, desconsidera os acadêmicos campos disciplinares.

Sem estabelecer a priori fronteiras de conhecimento ou partir de um recorte comum, criou-se uma oportunidade de trabalho experimental, no qual a objetivação do conhecimento pudesse advir de forças em movimento.

“Sertão: esses seus vazios. O senhor vá. Alguma coisa ainda encontra”.

O registro desta frase de Guimarães Rosa guarda implícito um reconhecimento de que este autor propicia uma metodologia, como se aprende no convívio com o Professor Luís Antônio Jorge. Tendo se dedicado a trilhar certos trechos do Grande Sertão:Veredas, Luís Antônio pôde se aplicar na reconstrução de

³ VOUILLLOUX, Bernard. L' interstice figural: Discours. Histoire. Peinture. Quebec: Presses Universitaires de Grenoble, 1994 p VII e VIII

nexos entre palavras, objetos, saberes e fazeres. Hoje, ele indaga sobre a presença do sertão na cidade, sabendo que a vida urbana é capaz de abrigar, por exemplo, um sertão em São Paulo e demonstrando que a experiência dos habitantes da cidade é formada por modos transitivos.

Não surpreende, portanto, que a escolha dos motivos que virão apresentados a seguir pelos colegas deixe transparecer questões de fundo, que impactaram e ainda permeiam o curso de nossa formação cultural. Aponto inicialmente a preocupação recorrente com a dinâmica coletiva pela qual se institui o universo simbólico e a subjacente indagação sobre o agenciamento e reconstrução de identidades, em diferentes lugares.

Os estudos ainda subentendem a coexistência de técnicas provenientes de diversas épocas, em um mesmo território. Marcas deixadas pela propagação de diferentes técnicas de produção nos países de modernização e industrialização tardia, cujo ambiente humano se diferenciou nas diversas regiões. E ainda se diferencia, podendo se encontrar, no interior das cidades, sobrevivências de práticas pré-industriais ao lado das geradas pelo rumo da industrialização forçada. Adiante, a transição da indústria mecânica para a indústria eletrônica, impõe uma substituição gradativa do “objeto técnico”, tido como meio de extensão do homem, pelo “meio técnico-científico-informacional”, que programa e comanda à distância o formato das necessidades humanas. Mesmo assim, a cultura de massas, predominante no Brasil da era global, não dispensaria a apuração do complexo processo de inter-ação e hibridização cultural subjacente.

Contradições surgidas no curso da modernização industrial capitalista afloram sob forma de dilemas culturais. A geração conhecida entre nós como “modernista” - termo que, por si só, poderia induzir a muitos equívocos sobre a prática de seus protagonistas – inaugurou modos de apreensão sensível a partir de práticas em vigor no país, que se mostram ainda hoje fecundos e proveitosos em inúmeros exemplares da criação literária. Muito se pode apreender com a forma e as idéias da Pauliceia Desvairada de Mario de Andrade, com poemas de Manoel Bandeira, com Cosmópolis de Guilherme de Almeida, com Casa Grande e Senzala de Gilberto Freire, Com o Grande Sertão de Guimarães Rosa. A primazia dada ao conhecimento produzido pela literatura sobre os estudos históricos colabora para uma observação direta, num plano mais próximo da vida cotidiana, pelo qual naquela época os autores respondiam ao desejo de brasilidade, à evidência de localismos, e ao imaginário cosmopolita em

diálogo com a cultura e o imaginário popular. As idéias literárias conduziram um discurso abrangente, que não deixou de se manifestar nas artes plásticas e na arquitetura.

Sem que as idéias literárias perdessem completamente a proeminência adquirida no concerto artístico modernista, o pós-guerra suscitou uma reorganização dos campos de produção e distribuição da arte, no qual preponderou novo arranjo das artes construtivas, reunidas em torno da arquitetura, que passava a abraçar todo o ambiente da vida humana. As artes do desenho ensaiavam, não sem malogros, a implantação do objeto e da visualidade industrial. A aliança das artes construtivas constituía outro modelo vigoroso de trabalho, na experiência brasileira, ao qual não faltaram iniciativas da poesia e da música concreta.

No painel, Marcelo Suzuki assinala o momento fundador de uma espacialidade brasileira destacando idéias e soluções dadas pelo arquiteto Lucio Costa, colocadas em contraponto com indagações de Lina Bardi. A arquiteta italiana, sempre em busca de melhor entendimento sobre o fazer arquitetônico no país e sobre diferentes universos simbólicos que poderiam ser encontrados em várias regiões, apurou também o sentido do objeto de fatura popular em momento pré-industrial, motivo presente nas considerações de Marina Grinover. Evidenciam-se modos pelos quais os modernos buscam sentido do lugar, num debate que permanece aberto, na medida em que toca questões ainda vivas.

A ênfase dada às poéticas espaciais desde a metade do século passado terá forte impacto sobre as transformações artísticas em curso no mundo contemporâneo. Arquitetos e artistas brasileiros participam ativamente do feito da abertura do espaço arquitetônico e da abertura da obra de arte, acontecimentos cercados de precisas implicações. Estava criada a possibilidade para que o artista atuasse em interface, desdobrasse o objeto no espaço que já não o contem, já não se tratando mais da clara separação entre dentro e fora, conteúdo e continente. O artista iria se apropriar do espaço construído – antes, domínio do arquiteto - e passaria a praticar intervenções em âmbito urbano. Obras desviadas do antigo reduto ficcional seriam levadas a freqüentar espaços da vida real. A integração da arte em diferentes “sítios” se tornaria operação privilegiada para a percepção dos lugares, ao propiciar a exploração sensível do lugar específico, ao se introduzir na esfera pública, abandonando espaços institucionais. Atuando estrategicamente no espaço, a obra descobre o recorte do território cotidiano, tira proveito do ciclo de vida dos objetos, desloca-se em percurso

urbano, desprezando o objeto-produto em favor do acontecimento com alcance efêmero e limitado, No cerne destas transformações, Jacopo Visconti traz a experiência das derivas para este debate, evidenciando como obras artísticas se relacionam com o lugar.

Qual significado um simples trajeto humano, pessoal, proposto no contra fluxo, poderia adquirir na experiência do habitante da grande cidade, se ele não lograsse decodificar hábitos da era do avião e das tele-comunicações?

Sob vários aspectos, abordamos a percepção de seres em trânsito, o deslocamento de transeuntes, o ritmo de homens urbanos que pulsam em velocidade acelerada, que adotam linguagem abreviada, que dilatam e encolhem sua própria experiência Muitos deles fogem dos espaços demarcados, dos hábitos contraídos no apto, no automóvel, nos cruzamentos, na paisagem angulosa das esquinas, na compulsão dos supermercados, indo na contra mão do automatismo. Muitos freqüentam o “lugar comum” ou atravessam mecanicamente espaços chamados de “não-lugar”.

Desde o início deste projeto, o arquiteto Lucas Girard vem desempenhando papel fundamental na elaboração de uma ferramenta que comporte uma coleção de práticas criadoras, articuladas no cruzamento de áreas de conhecimento. Ao mesmo tempo, vem se aprofundando a tendência de fazer com que nossas indagações ganhem a forma de projeto editorial em veículo digital, projeto coletivo, de uma pesquisa em processo. A plataforma do hipertexto tem se mostrado adequada ao estabelecimento de um campo relacional, que comporte subespaços com derivas individuais e crie conexões necessárias para se operar uma cultura em risco.